A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 31 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

## A horrivel morte do policia 1048

E' esta pagina uma reconstituição muito aproximada do terrivel assassinato á navalha, do policia 1048, em plena Lisboa, uma noite destas, numa esquina da Rua do Norte. Está preso um individuo como presumivel assassinio e a policia procede a rigorosas investigações.

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I — LISBOA 16 DE AGOSTO DE 1925 — N.º 31
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

## comentarios

### Pastelarias ambulantes

Por mais que a Propaganda de Portugal se esforce (???) para fingir que existe, Lisboa, a cidade das sete colinas, a princeza negra do ocidente, não deixa de ser... uma aldeia com carros electricos.

Agora que as noites de calor obrigam a população a procurar o fresco na Avenida, umas velhotas imundas, cheias de porcaria, deliberaram pejar os passeios com umas traquitanas em forma de taboleiro onde vendem indesgestões infecciosas em forma de bolos e que são um belo atestado da nossa queda para arraiaes saloios e falta de higiene alimenticia!

Alem do espectaculo simplemente vergonhoso que oferecem essas vendas anbulantes, (pela porcaria que exibem) os tais manjares adocicados são um verdadeiro flagelo de intestinos infantis que a junta de saude publica devia olhar com atenção.

A menos... que aquilo tenha a desculpa de ser para os pobres e portanto é admitida a venda como uma maneira doce de os ir fazendo esticar o pernil...

### Assassinatos e Suicidios

Parece que o calor tem uma acção violenta sobre a morte. Pelo menos, desde que a estação calmosa fez o seu aparecimento, raro é o dia que passa sem que os jornaes relatem mais um tiro ou facada que leva desta para melhor vida mais um dos muitos habitantes deste vale de lagrimas...

É teoria fisica que o calor diláta os corpos, mas, se é verdade que ele tem a influencia que lhe atribuem nos chamados crimes passionaes, temos que acrescentar que... tambem os suprime com frequencia...

### Fome

As casas de caridade—aquelas onde se mata a fome—deram um banquete ao sr. dr. Filipe Mendes. E' o governador civil um funcionario que tem exercido o seu cargo a contento de todos, e promovido brilhantes festas de caridade a favor dos pobres, mas esta deploravel ideia de glorificar o seu esforço contra a miseria e a fome, por meio dum banquete, é que não merece nada o nosso aplauso. Se as casas de caridade estão pobres, o dinheiro desse lauto almoço, que apenas serviu para se ouvir umas tantas banalidades que em nada augmentaram o prestigio do honesto labor do chefe do districto, serviria para engrossar os seus magros fundos. Longe de elevar o homenageado, o regabofe de Santa Isabel, com os ceguinhos a tocar, só o deprimiu. Valha-nos o Bom Senso!

### Equiparações mal paradas...

Queixam-se amargamente os oficiaes de marinha de que não ha promoções na Armada. Têm razão. Com a avalanche de nomeações por distinção, de pulos, de saltos revolucionarios e de equiparações, resultou que os verdadeiros oficiaes de marinha ficaram equi... parados.

INOCENCIA

—Mamã! Uma creança bateu-me!
—Era menino ou menina?
—Não sei! Estava nua!

## Má língua

# O MISTERIO DA SERRA DE CINTRA

(HISTORIA DE FADAS)

*Era uma vez uma formiga branca*
*que casou com um Principe Lacrau*
*e que apezar de feia, vesga, e manca,*
*já tinha filharada a dar co'um pau.*

*O seu palacio andava numa dança,*
*a sua lauta meza não chegava,*
*pois sem cessar mandava vir de França*
*prôle, mais prôle,—e nunca se cançava.*

*Revoltou-se uma esquadra de cigarras*
*e uma legião de formiguinhas pretas;*
*—as primeiras surgiram com fanfarras,*
*as segundas com dardos e com settas...*

*E o Principe Lacrau, muito infeliz,*
*com mêdo que seus filhos acabassem,*
*resignou-se a ir vigiar para Paris,*
*que as Fabricas de prôle não parassem.*

*Assim ficou a triste da formiga*
*saudosa a mais não ser, com tal desquite;*
*e deixou-se engordar, e criou barriga.*
*—o que deu crescimentos de apetite.*

*Depois,—tal qual no conto estranho e bello*
*que as aias lhe contavam, em pequena,*
*a formiga metteu-se num castello*
*á espera d'ELLE,—porque tinha pena.*

*Do Castello da Pena,—assim chamado*
*por causa dessa magua que a roia,—*
*a formiga descia ao povoado*
*quando suppunha que ninguem a via.*

*Como, porem nesses quatorze céus*
*que pizava co'o bico do sapato,*
*lhe não calassem, postas e pitéus,*
*a dor de um renovado celibato,*

*cartas, beijos, lacaios, telegrammas*
*mandava ao Principe;—e elle, «pontificio»*
*remettendo promessas e programmas*
*ia ficando,—fiel ao sacrificio.*

*Então, D. Formiga deu em drôga;*
*e em vista de o marido ser rabino,*
*armou seu castellinho em sinagoga;*
*fez tanta judiaria e desatino,*

*deu tanto que fallar com seus caprichos,*
*tanto desmascarou seus latrocinios,*
*que escaravelhos, ratas, e outros bichos*
*invadiram com gula os seus dominios.*

*Erma, a infeliz, de maritaes carinhos,*
*vendo rivaes a consquistar-lhe tudo,*
*da raiva lhe nasceram seis lobinhos*
*corcovando-lhe o coiro cabelludo.*

*Lógo a branca formiga, ensandecida,*
*berrou, berrou, berrou, ao ver-se azul,*
*numa furia tão grande e desabrida*
*que o mundo inteiro a ouviu, de norte a sul.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Ora, como o castello já citado*
*tem o nome de um outro conhecido,*
*o povo anda irrequieto, anda exaltado,*
*por quatro ou cinco berros ter ouvido*
*—que os jornaes dizem vir d'aquelle lado.*

*Prudencia, cidadãos! E' tudo lenda;*
*deixae em paz a carabina e a tranca;*
*é esta a historia d'essa féra horrenda*
*—Merecem-vos taes fumos de contenda*
*esses «lobinhos» da formiga branca?*

TAÇO

## écos

### Banquetes e Almoços

Estão outra vez em moda as comidas de homenagem. Por dá cá aquela palha, salta comida para muitos e vá de chamar ao repasto coisa de apreço para outrem!

Trinta, cincoenta individuos em volta de uma meza em ferradura ou em T (dois simbolos muitissimo bem aproposito) comem, bebem, sobretudo bebem, e quando se abre a torneira dos discursos, isso é que é falar! De talento para cima, tudo quanto vem á boca, inclusivé os arrotos, é despejado para o grande politico que acaba de fazer uma linda figura de urso e então é que são protestos de patriotismo, de desinteresse, de fé republicana... e de fortaleza de estomago!

O peor é que depois, quando acaba a comida, o gerente vê-se em palpos para receber o preço da inscrição e não é raro o faqueiro ficar desfalcadissimo...

### A nossa secção de Charadas

Temos a alegria de participar aos nossos leitores que a nossa secção de charadas vai ter largo desenvolvimento afim de contentar os muitos charadistas de Portugal.

Distração inteligente, a charada é, em todos os paizes cultos, um passa-tempo cheio de admiradores. Um bom charadista tem de ser sempre um homem ilustrado, sabedor, enciclopedico.

O «Domingo ilustrado», entregando o desenvolvimento da secção charadista ao conhechido e abalisado apostolo d'esse divertimento «Rei-Fera», julga merecer as simpatias dos charadistas portugueses e assim, desenvolver entre nós esse sport do pensamento que tão apreciado é por todas as pessoas inteligentes. A direcção de «Rei-Fera» começará no proximo numero.

### Imprensa

Recebemos a «Revista mensal» de teatro e letras, que alem de primorosamente colaborada tem uma apresentação de muito bom gosto. Desejamos á interessantissima publicação, que se imprime no Porto, uma vida prospera e longa.

Com o mesmo correio chegou-nos o n.º 81 da «Seara Nova» que se apresenta como de costume excelentemente. Ao acaso, no sumario: Arabescos — por Bourbon e Menezes Poema por Antonio Ferreira Monteiro, um bom artigo doutrinario de A. Sergio e o «Letrado de Pamir» Por Vieira de Campos, etc, etc.

# questão prévia

Dverão tem para a humanidade, principalmente para esta reduzida humanidade de Lisboa e seu termo, inconvenientes de varia ordem: a agua escasseia, tornando-se quasi necessario o lisboeta asseiado lavar a cara com agua de Vidago; as mais variadas e coloridas borbulhas enfeitam os narizes mais austeros e, finalmente, produzem-se fenomenos de natureza emigratoria que por um lado constituem o enlevo das familias (compreendendo somente nesta expressão as senhoras e as crianças machas até doze anos), por outra constituem um verdadeiro suplicio para os chefes de familia.

Este bipede implume, que hiberna em Lisboa e veraneia nas linhas de Sintra ou de Cascais, é em qualquer destas estações em ser sacrificado ao arejamento da familia, mas onde de facto o seu sacrificio se acentua e assume quasi proporções de martirio é na estação calmosa e nas estações de caminho de ferro das ditas linhas.

Carregado de malas e de recados o desgraçado, que mantem em Lisboa todas as suas ocupações habituais, passa a vida a correr para o comboio e junta ás suas preocupações constantes mais uma: a do horario.

No comboio, imagem da vida, tem a preocupação de arranjar um lugar, onde ele caiba e mais todos os seus embrulhos, em que se mistura o bacalhau sueco com o crêpe da China e os sapatos de praia com o feijão encarnado. A luta pela conquista do lugar não é das menos violentas entre as muitas que se travam na vida e ha quem se gabe de ter mais facilmente arranjado um lugar de segundo oficial no Ministerio das Colonias do que um lugar de segunda classe no comboio das seis e meia para Cascais.

Dizem que o homem é um ser eminentemente sociavel. Dizeres faceis de filosofos e sociologos que nunca entraram num comboio, no Cais do Sodré, á hora em que um homem vestido de ganga, leva aos labios inspirados uma corneta recurva e desfere um lento toque, á maneira dos que, nos tempos feudais, anunciavam das levadiças dos castelos a chegada d'um filho d'algo. E' a partida, a inexoravel partida do comboio, dupla partida para os que embarcaram e para os que só chegaram a tempo de vêr a bicha dos vagons sumir-se airosamente na curva da linha.

Era nesse momento decisivo que eu gostava de vêr chegar á carruagem, ouriçados de embrulhos, um dos tais sociologos que afirmam que o homem é um ser eminentemente racional, porque, então é que se aprecia como ele é um bicho estreitamente individualista, que não cede a solicitações delicadas nem a encontrões mais ou menos brutais.

Quem vai sentado imagina-se detentor do banco todo: espalha os seus embrulhos, estende as pernas, alarga os braços, espapaça-se como se estivesse sentado num fofo maple, desdobra os jornais e acolhe com grunhidos de mau humor o desgraçado que tenta perturbar-lhe a quietitude com esboço do desejo de ocupar um dos lugares em que os embrulhos vão refastelados. E é preciso que o pretendente ao logar pise os calos e atropele os joelhos do ser racional para que ele consinta em dar-lhe uma nesga de passagem, não sem comentar, asperamente o procedimento das pessoas que não respeitam a comodidade alheia.

O homem, ser sociavel! Só se é pela tendencia que ele mostra para organisar sociedades comerciais.

Feliciano Santos

PREVENÇÃO

—Vamos, Margarida! Toma banho depressa em quanto não ha fotografos!

# Crónica alegre

## Apontamentos para um Manual de Civilidade

## O CASAMENTO

### Entroito

ESTE capitulo teria tudo a ganhar se não fosse escrito por mim. Lido em varias materias, conheço de cór o sabio conselho metrificado de Sá de Miranda:

**O que não experimentares**
**Não cuides que o sabes bem...**

e, se ha coisa que eu nunca tivesse experimentado, é concerteza o matrimonio.

N'este estado de absoluto solteirismo em que me encontro, não posso ainda que queira, profundar os misterios do casamento e, consequentemente, aconselhar com aquela experiencia já bastamente demonstrada nos conselhos anteriormente publicados.

Não sei bem porque, talvez por falta

de geito, mas apezar de ter pelo casamento dos outros o maior dos respeitos e a mais sentida admiração, nunca senti a imperiosa vontade de procurar a minha metade, já porque tenho a certeza de que seria uma metade em porção muito discutivel, já porque, na espectativa de a apanhar minada de bicho, prefiro ignora-la.

Do casamento falarei portanto como da musica: pura e simplesmente de ouvido. Não lhe descuto as vantagens porque as desconheço, nem os contras pela mesmissima razão. O meu desejo seria encontrar um ponto intermedio, entre celibato e casamento isto é, deixar de meter a chave á porta na certeza de que ninguem m'a abrirá, e não ter que dar contas da minha vida se entender ir para casa no dia seguinte...

Mas isso é um estado que ainda não está descoberto ou por outra, não estar oficialmente adotado.

De seguro afirmo que estar solteiro não é coisa que valha a pena, mas estar casado definitivamente não sei se é bom se é mau. E' certo que o divorcio é uma otima gazua para um mortal se raspar mas... eu n'estas coisas de homens e mulheres, sou inteiramente conservador...

Em vista do que exposto fica, não deve portanto ser tomado á conta de axioma o que segue:

### O pedido de casamento

Logo que o pretendente decidiu efectivar o suicidio, comunica o caso a uma pessoa da sua familia, que de frak e colete branco, irá a casa do verdugo acompanhado do paciente. A namorada deve fingir que está lá para dentro, mas não se deve tirar de ao pé do buraco da fechadura, para ouvir toda a conversa.

A pessoa de familia do noivo, dirá que Deus vai ser servido em levar um belo caracter, um óptimo coração e um sujeito possuidor de uma mobilia completa para montar uma casa. Os pais da noiva dirão que a pequena teve aquela inclinação por doença hereditária, e que é isto e mais aquilo e depois chamarão a menina a quem dirão palavras meigas. Em seguida, convidam o noivo para jantar e vão dizer a toda a vizinhança que a sua filha já foi pedida por um rapaz muito fino.

### Ás vesperas do casamento

Na vespera do casamento o rapaz irá comprar umas botas de polimento, mas deve experimentá-las bem por causa dos calos não lhe doerem no dia seguinte. Depois experimentará o frake, o chapeu, as luvas, as cuécas e a camisa.

A noiva mostrará o vestido a todas as visitas, dirá segredos particulares ás amigas e fingir-se-há zangada quando alguma pessoa mais atrevida lhe largar uma piada de sentido mais intimo.

### O casamento

Na manhã do casamento, o noivo deve fazer a barba, e acompanhado pelos padrinhos, ir para a porta da igreja esperar a noiva.

Como as noivas demoram sempre muito tempo, o noivo poderá levar um romance ou um jornal, afim de passar o tempo.

A noiva levantar-se-ha cedo, tomará banho, e vestirá o vestido branco. Depois porá a flôr de laranjeira, que pode ser artificial, e por fim irá para a igreja. A mãe da noiva andará a chorar pelos cantos.

### A cerimónia

Quando o padre fôr para o altar os noivos fingirão que não se conhecem e os convidados usarão este sistema: Os homens dizem que a noiva é mal empregada, as senhoras dirão o contrario.

Durante a cerimonia o noivo não deve olhar para a noiva e só na troca dos aneis é que se darão a conhecer. Depois metem-se os dois no trem. Êle muito atrapalhado com o chapéu alto, ela muito comprometida com as pessoas que param a vêr.

### O copo de agua

O copo de agua pode ser de vinho do Porto ou de vinho moscatel. Os convidados comerão como lobos e dirão mal de tudo. O recem-casado sorrirá contrafeito ás piscadelas de olho que lhe fizerem e a recem-casada idem.

Quando já está tudo bebado, o marido tomará a heroica resolução de se safar com a mulher para Cintra, deixando os pais da esposa aflitos com os corpos partidos e com o estrago nos croquetes que êles contavam que sobejassem para o almôço do dia seguinte.

### A noite de nupcias

Este capitulo não tem explicações. Cada um deve arranjar-se conforme puder e consoante o seu paladar.

Henrique Roldão

---

LASTIMAS...

—Parece que ele morreu de diabetes!
—Quem havia de dizer! Um rapaz tão inteligente!

---

«AGNI»—prosa de Santos Ferro (Lisboa, 1925).

E' decerto a estreia dum autor, esta colecção de pequenas cronicas que, não se sabe porquê, foram reunidas sob a protecção duma divindade indú. Já publicadas em periódicos da provincia, quizeram ter, em livro, uma existência menos efémera e obscura. Ou antes: o autor é que assim quís; é possivel até que elas preferissem a morte natural que as esperava á morte violenta a que estão destinadas. Porque eu estou convencida de que, vitimas dum filicidio, virão a morrer ás mãos do seu próprio pai, do snr. Santos Ferro, que, um dia, as olhará sem piedade... E, apezar de tudo, não são melhores nem peores do que muitas que aparecem nos grandes jornais, firmadas por grandes nomes.

«A GATA BORRALHEIRA E OUTROS CONTOS» por Henrique Marques Junior (Lisboa, 1922).

Mais uma colecção de lindos contos, de contos de fadas onde vive, como um encantador principe encantado, o segrêdo de divertir os meninos de todos os tempos.

O snr. Marques Junior está prestando um bom serviço com a sucessiva publicação destes livrinhos ingénuos; está alimentando com manjares sãos o espirito das crianças, infelizmente tão exposto á tentação dos «romancecos» policiais e de aventuras sem beleza, que impunemente se exibem nas montras de livrarias e «Quiosques».

Continuo, contudo, a lamentar a ortografia usada: agora, não é nem velha nem nova; é uma ortogria de meia idade...

Tereza LEITÃO DE BARROS

---

BUROCRACIA

—Então o sr. Lopes tão cançado vai já tão cedo para o ministerio!
—Pois então! Lá é que eu posso descançar bem!

# Sports

UM ESCÂNDALO DESPORTIVO

## O Sporting Club de Portugal compra tres internacionaes!

Não sabemos se foram postos em leilão, para serem arrematados por quem mais desse, os três notaveis jogadores internacionais, Raul Soares Figueiredo (Tamanqueiro), Domingos das Neves e José da Graça, que se sabe que vão transitar do seu grupo, a que tanto lustro deram, para o Sporting Club de Portugal, que como bom empresario e ao que parece contando já pouco com as suas «vedetas» actuais, prepara novo elenco para a proxima epoca.

Não sabemos, mas as ofertas dos Leões deviam ser de tentar, superiores moral e materialmente á tranquila vida da provincia que levam os desportistas de Olhão.

O processo desta mudança rapida de regiões que está fóra dos habitos do nosso foot-ball, vem-nos convencer que afinal é o Sporting que «vê» mais longe o negocio, e é portanto mais legitimamente de Olhão...

Desmantelar o grupo vitorioso do Sul, que foi com justiça o campeão de Portugal, tirar-lhe os seus melhores elementos, que aliás vão pôr de parte com a sua entrada no Sporting, elementos como João Francisco, Torres Pereira e Portela, que passarão a uma 2.ª linha, é, sem sombra de discussão, um processo extranho de encarar a defeza e hegemonia dum club.

A carta de desobrigação que dolorosamente será passada em Olhão aos três rapazes que abandonaram aquele centro desportivo, por *fortes misteriosas razões*, tinha todo o direito de ser recusada!

O Sporting Club de Portugal, augmenta talvez as suas receitas, augmenta talvez o numero das suas victorias, augmenta talvez a sua cotação foot-bollistica — MAS DIMINUE COM CERTEZA O SEU PRESTIGIO MORAL, a lealdade dos seus processos, a linha de corporação de «elite» que mantinha atravez de tudo.

Lastimamos este passo em falso.

Lastima-mo-lo pelo deploravel exemplo que fica aberto, pelo mesquinho espirito de rábula comercial que envolve, pelo cabotinismo anti-desportivo que revela,—uma palavra, pelo grande *vigario*, em que se vae afundando tudo quando entre nós é um valor moral!

No proximo numero trataremos outros *Escandalos desportivos* no genero do que acabamos de apontar, e passados entre outros clubs.



## O maior jogador português de foot-ball!

### Quem é?

*Jorge Vieira: obtem nesta semana, mais 115 votos.*

*Chico Vieira; mais 108, Cezar de Matos, mais 75.*

*A maior imparcialidade! A mais rigorosa sancção do publico!*

*Será realmente Jorge o Vencedor?*

O nosso formidavel concurso de foot-ball que vem interessando todo o mundo sportivo está prestes a terminar.

Queremos finalmente chegar á conclusão de qual será o melhor jogador português.

Damos hoje alguns nomes das centenas que aqui temos e que votaram em Jorge Vieira:

Francisco Sousa
Raul Sousa
Um Leão
Jaime Borges
João Antonio
L. G. da Silveira
M. Alvalade
João N. Cavacioli
José Ligorne Junior
Amplio de Limas
Antonio do C. Duarte
V. Ayala
J. A. Silvestre Pinto
J. Antonio Gonçalves
José Pereira Goncares
E. Espirito Santo
Carlos Abreu
E. Frivogard
Guilherme Braga
Alberto Fernandes
Virgilio Caldeiaa
Mario A. Galo
Antonio Ferreira
Maria Cecilio
Emilia do Leigo
Manoel Bello
F. Lágo
Mario Duarte Simões
Jesué Costodio
Manoel Coelho Palma
José Lopes Palma
Adelino Gil
Antonio Chaves Neves

## Os grandes ciclistas portuguêses

*Jose de Sequeira Junior, João dos Santos Borges e Joaquim Raposo, três dos nossos melhores ciclistas. Joaquim Raposo foi o 3.º classificado nas ultimas grandes provas internacionais e Santos Borges ó 4.º. Sequeira Junior não entrou nessas provas, apesar da sua grande «classe».*



Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

*Eleito:*

*Eleitor:*

## CORRESPONDENTES SPORTIVOS

São nossos correspondentes sportistas:

Em Castelo Branco, o sr. Henrique Pedro da Costa.—no Porto, o sr. Raul Encarnação.—em Torres Novas, Mario Penosa de Amorim.—no Barreiro, sr. José Martins Gomes.—Em Silves, o sr. José Domingos da Silva,—em Vendas Novas, o sr. Antonio Raul Fonseca.—em Setubal o sr. José Antonio Pires.

No proximo numero começamos publicando colaboração sportista dos nossos correspondentes, trazendo assim uma completa informação sobre todos os sports na provincia que muito deve interessar os nossos leitores. Aceitamos desde já correspondentes nas localidades onde ainda os não tenhamos.

# Cinemas, teatros e circos

# Para que mãos vai o Teatro Nacional?

*TRANSIGIRÁ O MINISTRO COM OS FAVORES PESSOAES OU FARÁ UMA OBRA HONESTA, DANDO ASSIM UMA SATISFAÇÃO A TODOS OS QUE CONSCIENTEMENTE SE INTERESSAM PELO TEATRO PORTUGUEZ QUE DEVE TER COMO MAIS ALTA EXPRESSÃO A CASA DE GARRETT?*

Morreu José Ricardo, morreu Brazão e morreu Joaquim Costa. Está doente e afastado da sua vida de bastidores esse bondoso e activo homem de teatro que é Lino Ferreira. Ribeiro Lopes pediu a sua demissão de societario. Clemente Pinto, parece, irá com Alfredo Cortez e Ester Leão para o Porto. Uma grande crise atravessa pois a Casa de Garrett, cuja vida sempre atribulada e incerta se gravou em extremo, com a falta de muitos elementos, e com a crise financeira da ultima gerencia da Sociedade Artistica que ainda não poude sequer liquidar os seus debitos de exploração.

O que vai ser o seu futuro? Muitas garras se estendem já para o lugar de administrador do teatro, ambicionado por muitas pessoas, mais pela categoria oficial que ele empresta a quem o exerce, do que pelas possibilidades de lucros efectivos que pessoalmente possa garantir.

Vamos serenamente agora analisar os varios nomes que andam de boca em boca, e dizer o que nos parece de bom senso sobre uma questão que aliás apenas nos interessa pelo prestigio que deve rodear o nosso primeiro teatro, que apesar de tão bons defensores ter tido até agora, tão baixo e tão desastradamente desceu.

## ALFREDO CORTEZ?

E' este um dos nomes em que mais se fala para ir ocupar o referido cargo. O Sr. Dr. Alfredo Cortez é um dramaturgo de merito comprovado, um espirito moderno e muito culto, uma figura gosando de consideração intelectual nos melhores meios, e é numa palavra, o candidato da moderna geração. A sua acção seria apoiada pelo menos, pelos seguintes criticos: Antonio Ferro, A. Portela, Nogueira de Brito, Matos Sequeira e Jorge de Faria, com os quais tem afinidades de pontos de vista. Combate-lo-hiam Avelino de Almeida, Christovam Ayres, Orsini de Miranda, Correia dos Santos e alguns mais. Não conta com influencias politicas e o seu espirito aspero e nervoso, conflituoso mesmo, não é recomendavel para centralisar a direcção artistica dum teatro como o Nacional. E' esse facto tanto de lastimar, quanto é certo que a sua entrada para a casa de Garrett asseguraria desde logo uma grande renovação de processos, não só nas enscenações como, e especialmente, na «mise-en-scêne» que ali tem sido, por vezes, vergonhosa.

O seu nome é no entanto indicado por Carlos Selvagem, Americo Durão, Victoriano Braga, Norberto Lopes e Chianca de Garcia, e por todos ou quasi todos os modernos escriptores de teatro, e a sua entrada seria a aspiração da mais moça camada dos autores.

## AUGUSTO PINA?

Fala-se tambem no nome de Augusto Pina, que ao que se diz tem movido as mais altas diligencias para obter de novo o seu lugar.

Conta Augusto Pina, segundo consta com um financeiro, o sr. Luiz Pereira, representado pelo sr. Macedo e Brito, e a sua candidatura é patrocinada pelo sr. dr. Vasco Borges.

O sr. Augusto Pina é um distincto e antigo scenografo, que já administrou o Teatro Nacional. E' pessoa de fino trato e gentis maneiras, correto, inteligente, viajado e muito conhecedor do meio teatral onde sempre tem vivido. Sem embargo destas notaveis qualidades, as suas duas epocas no Nacional foram, infelizmente, um desastre financeiro, tendo terminado pelo celebre conflito com Stichini, Brazão e José Ricardo, que foram para o Apolo, e pela dissolução da Sociedade Artistica.

Augusto Pina lançou a actriz Maria de Vasconcelos nos grandes papeis em substituição de Ilda Stichini, mas essa actriz teve uma vida de teatro efemera, como 1.ª figura.

Já anteriormente o sr. Augusto Pina tinha dirigido o Trindade em declamação, com Ferreira da Silva e Angela Pinto, tendo fechado essa exploração com grande «deficit» financeiro, apesar dos elementos excepcionais dessa companhia.

Depois do Nacional, Augusto Pina, que é um infatigavel trabalhador, tomou a direcção dum verão no Politeama, em que em pouco tempo perdeu 100 contos, tendo dissolvido logo esse

*Bento Mantua*

conjuncto. Recentemente veio dirigir artisticamente a exploração Loureiro na Trindade, onde este emprezario teve tambem a infelicidade de perder o melhor de 300 contos, durante o ultimo inverno.

Quando o periodo da sua gerencia no Nacional, desencadeou-se contra aquele teatro uma violenta campanha que muito prejudicou o trabalho da Sociedade Artistica, motivo porque agora Augusto Pina, apesar das proteções de que dispõe, tem dentro do Teatro Nacional um ambiente hostil.

## BENTO MANTUA?

E' este o candidato com mais probabilidades de ser convidado a assumir a gerencia do Nacional. Dramaturgo de merito, figura moral de prestigio, correto e afavel, caracter integro e solido, administrador da sua casa, é uma experiencia que ha o direito de tentar.

Conta com a simpatia de todos os societarios do Nacional e não conta com inimisades na imprensa nem nos colaboradores de teatro.

Diz-se que é o candidato de Rafael Marques e de Stichini, da Revista de Teatro, e dos amigos de Mario Duarte, alem de que o seu nome, sugerido ao sr. dr. Camoesas em conversa particular foi imediatamente aceite. O Dr. Xavier da Silva, ex-ministro da Instrucção sancionou este nome.

Resta saber se Bento Mantua aceita. Por nós, aqui deixamos dito o que se nos oferece, sem interesses reservados, sobre estas três figuras, confiando plenamente que o actual ministro da Instrução não enxovalhará a sua limpida carreira publica com um diploma a cuja redacção não presida um espirito de renovação e de progresso.

## cá por dentro

—Chegou do Brazil o actor Joaquim Prata.

—Um conhecido capitalista anda tentando a compra de um predio na Rua da Palma para construir um Teatro. O predio é onde ha tempos esteve instalado um grande estabelecimento de moveis.

—Gil Ferreira, emquanto o teatro do Ginasio não fôr dado por concluido explorará o Teatro de São Luiz com a sua companhia.

—Fala-se muito na estreia como actor de uma companhia de opereta, de um auctor-dramatico que obteve grande sucesso na recita realisada em São Carlos com o «João Ratão».

—Foi contratado para o Eden-Teatro o actor Carlos Alves.

**Maria Victoria**

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

**S. Carlos** — Fechado temporariamente.

**S. Luiz** — Fechado temporariamente.

**Salão Foz** — As maiores atrações de Music-Hall. Alexandre de Azevedo.

**Avenida** — Brevemente Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

**Politeama** — Enchentes com o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.

**Eden** — Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece.»

**Nacional** — Fechado temporariamente.

**Apolo** — A opereta «O menino do Castelo» com Emila Fernandes.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

**Historieta baseada num facto autentico. Tem de fantasia apenas o bastante para ser publicada.**

# A morte do toiro

JOÃO da Varzea tomou as redeas e de um pulo cavalgou o «Cartuxo», o elegante alazão, que soltou um relincho de contentamento.

Mão na cinta, a fita da casaca bordada sacudida suavemente pelo vento, o oiro do tricornio luzindo muito, zebrado pelos raios de sol que se escapavam em le-

*João da Varzea, olhava Ana Maria emquanto o moço que punha as esporas . . .*

que pelas frinchas do portão largo que abria para a arena, João da Varzea ficou esperando que o «toque» lhe desse a ordem de ir farpear o toiro que lhe era destinado.

--Senhor João da Varzea!—chamou um dos moços da Praça, aproximando-se com um ramo de cravos vermelhos —O porteiro do sector sete pede para lhe dar isto! Parece que vem d'um camarote!

João olhou os cravos, recebeu a carta que o moço lhe estendia e, enquanto rasgava o envelope:

—Põe essas flores no meu camarim!—Depois leu:

*Ao grande cavaleiro João da Varzea, com o melhor sorriso de uma admiradora.*

*A. M.*

—A. M.!—monologou—Quem será?!—e um sorrisinho de triunfo mostrou que João da Varzea estava já habituado áquelas cartas de admiradoras.

Novo, muito novo mesmo, nas corridas em que entrava, sentia fixos n'ele os olhos de «todas» as que assistiam ao espectaculo. E no fim, quando o toiro com o cachaço cheio de farpas recolhia, era para os fauteils e camarotes que ele estendia o tricornio, era para o logar da elite, onde ele sabia que ficavam as bocas femininas que lhe atiravam sorrisos de anciosos desejos, que ele levantava a cabeça e estendia os braços, a receber nos olhos os aplausos d'aquelas mãosinhas febris que, n'aquele momento sentia suas, bem suas!

Raro era o dia que o creado não lhe entregava, n'uma carta perfumada, um convite para um chá intimo. Cocotes da móda, aventureiras, mulheres casadas, e até alguma filha-familia menos segura de preconceitos, todas, sentia-o, iam viver para ele n'aqueles momentos em que, galopando airoso ao encontro do toiro, brincava com a vida!

Um toque de clarim, vibrante e agudo, retiniu. O largo portão foi aberto. João da Varzea fez á pressa o sinal da cruz e entrou na arena.

* * *

Quando voltou ao camarim, suado da lide, as botas de polimento cobertas de pó, viu uma mulher que folheava um antigo numero da «La Lidia».

—Desculpe invadir o seu camarim! Gostou dos meus cravos?

—Muito! Muito obrigado!

—Que bem toureou! Talvez lhe pareça extranha a minha conducta... depois saberá!

E ante o ar canhestro, desageitado de João da Varzea, juntou rapidamente:

—Quer ir falar-me amanhã ao Hotel de Inglaterra? Quarto numero seis, no primeiro andar! Espero-o ás sete horas...

—Não faltarei...

—Então até amanhã!—e olhando-o muito nos olhos, apertou-lhe a mão com força e sahiu sorrindo.

—Mais uma!—segredou o creado que esperava á porta.

—E' verdade!—e para se dar ares de pessoa muito requestada, ajuntou:

—Que maçada! Não me largam a porta.

* * *

Apoz aquelas horas do Hotel de Inglaterra, Ana Maria ficara-se a pensar na aventura:

E era aquele o airoso cavaleiro por quem ela, como muitas, deixára prender os sentidos, n'aquela tarde de toiros, cheia de sol que escaldava o sangue das veias!

João da Varzea, o idolo das mulheres, era aquilo, um desageitado brutamontes de mãos sapudas e frases grosseiras, que quasi não sabia falar mais do que em toiros, e que, mau grado a fidalguia que lhe doirava o nome e lhe dava o direito de usar brazão, lembrava um carroceiro ordinario, com as suas atitudes de labrego e o seu cheiro a cavalariça!

O seu sangue fidalgo, só na Praça, em frente das hastes dos toiros, aparecia e tomava vulto! Ali, despida a casaca bordada, desempoeirado o cabelo, livre dos atavios de oiro ficticio, que reles, que grosseiro homem! E fôra por «aquilo», que Ana Maria esperara anciosamente a ida do marido ao Porto, tivera todo o trabalho de arranjar uma amiga que servisse de cumplice n'aquele desatino e deixára de estar na sua confortavel e elegante casinha de Buenos Aires, entre as flores perfumadas do seu jardim alegre, e o cantar cristalino da pequena «Milú», da sua filhinha!

Agora era tarde! Asneira feita... paciencia! O peor era que João da Varzea tinha combinado vir busca-la ás dez horas!

* * *

Quando Ana Maria lhe contou que era casada, que o marido voltava d'ahi a dias, que tinha uma filha, um lar, João soltou uma gargalhada brutal e n'um impeto de feroz ciume gritou-lhe que agora nunca mais a abandonaria, que a queria só para ele, que de todas, desde as que se lhe entregavam, como ela, ás outras que ele cubiçava, só ela era senhora do seu coração!

E era sincero! Pela diferença de temperamentos, pelo abismo de educação que os separava, João sentia-se prender dia a dia áquela mulher, enfeitiçado, magnetisado por aquela delicadeza que ele sentia que o esmagava, doido por aquela pele branca e perfumada que ele beijava á doida, n'um desvario brutal! E não a largava um instante, um minuto apenas... E Ana Maria, medindo agora todo o peso d'aquela aventura, toda a extensão d'aquele crime, tremia, receiosa de João da Varzea da sua brutalidade, do seu temperamento irrascivel, cego ao raciocinio de tomar aquelas tardes de amor, como uma impressão passageira, fugidia, sem rastro...

* * *

—Amanhã vou tourear a Setubal! Espero ter uma grande tarde! Toiros do Emilio Infante e em hastes limpas! Basta ir-mos d'aqui no comboio da manhã!

—Perdôa João, mas eu não vou!

—Que?

—E' preciso acabar com esta situação! Eu não sou tua mulher! Para aventura já basta!

—Não vais?/ Essa agora! Mas tu julgas que eu te deixo mais!?

—Mas meu marido...

—Quero cá saber d'isso! E não tentes fugir! Olha que eu sou homem para te fazer o mesmo que faço aos toiros!...

—Mas não posso ir a Setubal!

—Has-de ir nem que seja á bofetada!—e como Ana Maria o olhasse, surpreza da fraze—Não olhes para mim que é assim mesmo! Pois que cuidas? Que eu sou o palerma do teu marido?

* * *

Olheados olhavam do compartimento do comboio a paisagem que ia desfilando ante as portinholas da carruagem n'uma visão cinematografica.

—Ana!—disse João da Varzea—Jura-me que gostas de mim! Pois tu não vês que por tua causa sou capaz de tudo! Anda, fala!

—Gostas muito de mim?

—Muito! Juro-te! Olha, é para ti que eu vou tourear, só para tu vêres!

—És capaz de me dar uma prova do teu amor!? Uma grande prova?

—Sou!

—Pois bem! Queres que eu viva sempre comtigo, que te ame muito?

—Quero!

—Então mata hoje o teu ultimo toiro!

—Mas... bem sabes....é proibido!

—Por isso mesmo!

—Serei preso! São pelo menos três meses de cadeia!

—É porque não gostas de mim!

—Gosto sim, gosto muito!

—Então!

—E tu abandonas o teu marido, a tua filha e a tua casa para viver só comigo?

—Se matares o toiro...

—Concertéza?

—Concerteza!

—Pois bem! Matarei o toiro!

Ana Maria franziu os labios num sorriso e os olhos negros, brilharam mais num intimo contentamento!!

* * *

Quando João da Varzea estendeu a

*. . . os policias levaram João da Varzea . . .*

mão ao moço da praça e este lhe entregou o rojão, o publico levantou-se num grande oh de admiração. Emedia-

(Continua na pagina 7)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

**Uma originalissima pagina de sabor romantico e de forma nova que prende irresistivelmente, pela elegancia da expressão e pelo poder do descritivo.**

# A janela aberta

NUNCA pensaste, leitor, na vinda intima das coisas mortas, que á força de viverem comnosco tomam a nossa fisionomia e são tristes ou alegres conforme nós proprios?

A nossa mesa, a nossa cadeira, a nossa jarra—aquilo que é nosso, que está aqui sempre ao pé de nós, que nós conhecemos e que nos conhece, reflete o nosso espirito com alguma coisa de vivo e de humano.

A cadeira é mais comoda, a mesa mais proporcionada, a jarra mais esbelta e mais elegante—se nós as vimos com melhores olhos—Em torno de nós as coisas agrupam-se e elas vivem segundo nós as fazemos viver ou as abandonamos.

Ha lá casas alegres ou tristes, lugares sinistros ou aprazíveis!

Ha a harmonia ou o desequilibrio dos nossos nervos, o drama eterno das nossas pobres sensibilidades!

* * *

Eu abro, nestas tardes admiraveis de agosto, sobre a minha rua, a larga janela do quarto. E tenho em frente, bem frente a mim, uma janela aberta.

Tenho vivido ha muito tempo já,

... ramo de rosas e varios pacotes com prendas ...

com essa janela aberta, como uma alma escancarada, numa confidencia enorme.

Não vejo visinhos — e fujo sempre de vê-los. Vejo apenas recortado na moldura rectangular da janela o ambiente dessa casa serena, cuja vida eu conheço como os meus dedos—mais, cuja alma eu sinto e acompanho atravez apenas desse rectangulo de objectos que o caixilho deixa a descoberto dos meus olhos.

Suponham vocês uma mesa e uma cadeira. Chão lavado, louro da potassa, e uma ponta de retalhos dum tapete. A mesa é uma pequena secretaria de pés de mogno vermelho, com sua cobertura de oleado negro. A cadeira um velho fauteil de palhinha. Sobre a mesa, contra nós, um retrato, um oval de prata ligeira, onde uma cabeça, toda branca, repousa num sorriso.

Em muitas noites um candieiro acêso, livros de estudo, uma pasta de colegial com papeis e cadernos.

Fecha-se depois a janela e trabalha-se ali até altas horas, á luz quente do petroleo, para alem dumas castas cortinas de folho branco que velam com doçura o interior da casa.

* * *

Uma tarde sobre a meza havia uma jarra de flôres. Eram malmequeres brancos—uma flôr pobre que todos nós desfolhamos um dia, anciosamente, com os olhos perdidos no pensamento longinquo de alguem...

Sobre a mesa havia algumas petalas cahidas. Alguem desfolhara na eterna interrogação um malmequer branco...

Dias depois, sobre a mesma mesa, alguem colocara em simetria do antigo retrato de velhinha, um outro oval de prata. Era uma cabeça ardente e viva, com uma chama de cabelos louros sobre a testa larga, e um brando e casto riso a voar-lhe no traço dos labios finos.

Dias passaram, meses mesmo.

E uma tarde, sobre a mesma mesa de trabalho apareciam entre os livros dispersos, um molho de rosas, dois embrulhos atados com fitas de côr e uma carta. Dir-se-hia mais brilhante o polimento da mesa, mais nova a velha cadeira de palhinha...

Alguem fazia anos, e poucos anos eram!

Ah! quando os anos pesam, escondem-se como um crime!—e aqueles eram claros e frescos como as rosas que os saudavam.

Dias passaram, e então, todas as tardes, encostada á jarra, uma carta azul esperava que a abrissem, pontual e terna.

* * *

Um dia a janela esteve aberta desde manhã. Havia uma festa por certo. Puzeram-se cortinas novas. Estavam muitas flores sobre a mesa.

Nesse dia a luz esteve pouco tempo acesa, logo que caiu a noite. E, na manhã seguinte, foi tarde, muito tarde mesmo que alguem abriu a medo uma greta das portas de dentro, com o recato e o pudor de despertar comentarios na visinhança e ainda com uma secreta felicidade de sonho e timidez...

Por dentro dessa janela fechada hermeticamente ao barulho da rua, janela anonima em que ninguem repara, um lar novo nascia, uma nova vida iria animar e circundar de saude e de alegria a pobre mesa e a cadeira que eu via da janela, mudas testemunhas da felicidade daquela noite—em que a luz se fechou tão cedo e em que tão tarde uma timida mão descerrou as portas de dentro...

* * *

Três dias esteve a casa fechada. Três dias a janela, sem vida, parada e morta para todo o bulicio externo, esteve cerrada, corridas as cortinas—ao sol e á chuva.

E, quando uma manhã se abriu, sobre a mesa estava um crucifixo alto de marfim, ladeado de dois castiçais de metal pobre, onde as velas, em disformes moncos de cera ardida, se torciam amareladas. Flôres pisadas pelo chão. Numa pequena salva bilhetes de visita e um retrato de velhinha, na moldura de prata, piedosamente envolto em flores viçosas ... Uma morte!

La estavam a cadeira e a mesa, juntas sempre. Dir-se-hia mais palido e mortiço o polimento dos pés, mais abatido e posto sobre a mesa o esgarçado oleado, nú agora dos livros de estudo.

Mais triste tudo—mais velhos, mais cançados os dois pobres moveis de trabalho...

* * *

Algumas noites a luz esteve acesa até tarde. Houve ali carinhosas vigilias e alguem sofreu.

Uma manhã—foi uma radiosa e sanguinia madrugada de Abril, quando a rua era aindia toda azul, e vinha do rio uma brisa fresca de marezia—a janela abriu-se.

Havia sobre a mesa umas roupinhas brancas e uma touquinha pequena como uma rosa, a abrir-se em laços e em rendas frescas...

* * *

Passaram meses. Faz hoje precisamente um ano que passou essa madrugada de Abril sanguinea e azul, e sobre a mesa, sentada junto do retrato da moldura de prata onde nunca faltaram flores, uma boneca de grandes olhos de vidro e largas pestanas pintadas, espera tranquila... O primeiro ano!

* * *

Começo a ver em desordem os papeis sobre a mesa.

Esta tarde estava no chão a almofa-

... um crucifixo e dois castiçaes de velas acêsas ...

da da cadeira, entornada a jarra, caido o retrato... Que pequenas mãos fizeram aquela desordem!

* * *

Adivinhas leitor a vida que sentem, esta velha mesa de mogno e esta pobre cadeira de palhinha? Nunca pensaste, que afinal pode existir uma vida intima nestas pobres coisas mortas que á força de viverem comnosco tomam a nossa propria fisionomia moral?

J. M.

## A MORTE DO TOIRO

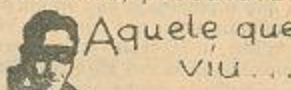
*(Continuação da pagina 6)*

tamente o clarim vibrou num sinal rapido de aviso e o «inteligente» levantou-se protestando. O publico em grita vitoriava.

João, sem fazer caso dos avisos, rindo para o camarote dos oficiais da policia que lhe faziam acanos, galopou direito ao toiro. A fera arrancou violenta e, quando ia cravar as hastes agudas no cavalo, tombou ferida de morte pelo rojão que João da Varzea lhe cravou no cachaço, num enorme espadanar de sangue.

O publico gritou, encheu a arena de chapeus e, emquanto dois guardas saltando da trincheira, prendiam o cavaleiro, nos varios sectores abriam-se conflitos de murros e bengaladas. Entretanto, o toiro, agonisante ficava estendido na praça a golfar sangue pela enorme bocarra aberta pelo rojão.

* * *

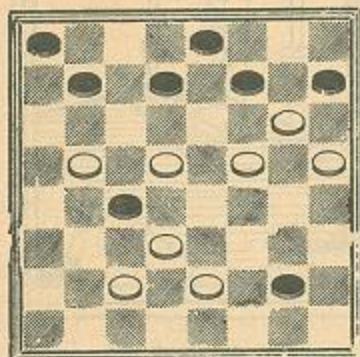
Na manhã seguinte, Ana Maria roida de saudades, procurava o marido no Grande Hotel do Porto.

Aquele que viu...

## DAMAS

*Solução do problema n.º 29*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 13-17 | 21-14 |
| 2 | 4-8 | 12-3 (D) |
| 3 | 18-23 | 3-10-19 |
| 4 | 26-30 (D) | 19-26 |
| 5 | 30-23-9-2-20-31 | |
| | Ganha | |

**PROBLEMA N.º 30**

Pretas 8 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 28 os srs. Artur Santos, José Brandão, José Magno, José dos Santos e um oficial (Foz do Douro), que nos enviou o problema hoje publicado.

—

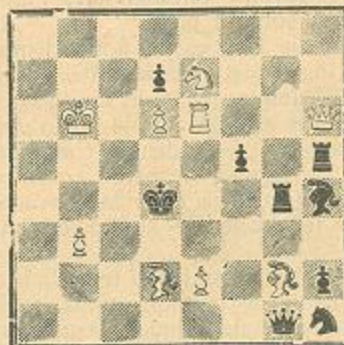
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo de Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

## XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

**PROBLEMA N.º 30**

Por A. Rietweld (1.º premio)

Pretas (9)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 28

O problema n.º 28 de Augustus Loveday, sacerdote segundo uns e segundo outros oficial do exercito britanico na India, foi publicado pela primeira vês, com maior numero de peças e em quatro lances, no Chess Chronicle de Londres em 1846 e pouco depois no Palamede de Paris.

Causou grande ruido porque o seu tema era então desconhecido, julgando-se insoluvel.

O lance critico 1. B. 1. B. D. faz transpor o B. a casa critica 2. D. As Pretas jogam 1 . . . P 3 R As Brancas respondem 2 T. 2. D. (lance obstruinte). A. T. coloca-se sobre a casa critica 2 D interceptando o B e interrompendo a sua guarda da casa de acção 4 B R. O empate é assim evitado e o R. preto póde jogar para essa casa 2 . . . R 5 B R.

As Brancas dão então mate em 3 T. 4. D. Chama-se lance critico o que faz uma peça chamada peça critica transpondo uma certa casa chamada casa critica na qual será interceptada por uma outra peça de modo que interrompa a guarda de uma casa chamada casa de acção. O lance de colocar á peça obstrinte sobre a casa critica chama-se lance obstruinte.

O tema deste problema que ficou celebre tem-se repetido em varios problemas posteriores sendo conhecido pelo «tema indiano».

## O Charadista

*Decifrações do numero passado:*

*Enigma:* Rapa.
*Charadas em frase:* Balamocada, Asnoga, Polypo.

—

### LOGOGRIFO

A foz d'um pequeno rio,—6—10—2
'Numa barca mui galante,
Chegou, ha cousa d'um mez,
Este famoso gigante—3—2—6—10

Houve festa em toda a vila—1—7—4—2.
Ao chegar a embarcação;—8—5—9—2.
Sendo, ali, muito aplaudida
A sua tripulação.

Uma mulher de Caminha—11—2—4—2.
Foi a bórdo, e no regresso,
Disse que o gigante tinha
Dado volta ao Universo.

*

### CHARADAS EM FRASE

Se quereis ver d'esta vila as lindas paisagens do rio, ide para cima do mirante—2—2.

*

Este instrumento pertense a um manhoso, que dizem ser um cavaleiro andante—1—3.

*

Suspenda, não vê que é perigoso arremessar a séta para a cidade!—1—2.

AFRICANO

*

Nota que num vaso de vidro se conserva bem o peixe. 1-2

CHÁ-TANGO

*

Foi dum pedaço de pano de linho que eu construi a minha funda. 2-3

SATURNO

### INDICAÇÕES UTEIS

*Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.*

*— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.*

*— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.*

*— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.*

## No próximo numero

GRANDE REVOLUÇÃO
NA
NOSSA SECÇÃO DE CHARADAS
QUE PASSA A
SER DIRIGIDA
POR
"REI-FÉRA"

## Para os nossos pobres

| | |
|---|---|
| Transporte | 70$50 |
| José Severo | 5$00 |
| B. A. | 1$00 |
| Ruy Martin | 1$50 |
| A transportar | 78$00 |

## EXPEDIENTE

***Aos nossos agentes de Lisboa***

**Prevenimos os nossos estimados agentes de Lisboa de que só aceitamos sobras de jornais referentes ao mez em que se liquidam as contas e não de numeros atrazados.**

**Mais prevenimos de que as tabacarias que cederem a vendedores avulso jornais para aparecerem ao publico ao sabado, serão imediatamente eliminadas de agencias.**

***A ADMINISTRAÇÃO***





*Folhetim do «Domingo Ilustrado»* N.º 11

## As memorias duma "divette"

por André Godin

CAPITULO IX

### EM PLENO EXPLENDOR

ACEDI com a condição de ele me mandar fazer um «chalet» e fiquei para a epoca. Ao mesmo tempo impuz uma recita de consagração porque tencionava retirar-me da scena. Estava cançada. A minha voz já não tinha aquela frescura que nunca tinha tido, sentia que o publico já não via em mim aquela extraordinaria actriz que não tinha visto nunca. Alem d'isso, o tal teatro com o meu nome tinha uma paralisia nos alicerces. Estava resolvida a trabalhar a minha ultima epoca.

CAPITULO X

### A CONSAGRAÇÃO

Como é da praxe, ao principio opuz-me a que me fizessem uma festa de consagração. Apontava como dignas disso a minhas colegas Lucilia Simões, Palmira Bastos, Ilda Stichini, Paz Rodrigues, e afirmava que eu não tinha feito nada a favor da arte nacional. A comissão porém, embora concordasse intimamente comigo, afirmava que eu era uma autentica gloria do teatro, que a arte tinha em mim a mais excelsa representante, que era a Duse portuguesa, emfim, uma grande porção de argumentos a que eu fingi que cedia contrafeita.

O espectaculo seria em S. Carlos que tinha mais receita (segundo a norma, a minha festa de consagração seria um autentico beneficio modestamente disfarçado) e n'ele tomariam parte todos os actores e actrizes. O resto do programa seria preenchido como é uso, com a «Ceia dos Cardeaes» e as «Rosas de todo o ano».

A comissão teve logo a adesão de toda a gente de teatro e os jornaes principiaram a fazer os reclames, publicando o meu retrato.

Chegou a noite da festa e, devo confessar para bem da verdade, que temia um fiasco superior ao das festas realisadas a favor do Cofre da Reformas e Pensões da A. C. T. T.

Enchi-me de comoção, entrei para o trem que o Lino Ferreira me tinha mandado, e fui para S. Carlos assistir á minha autopsia artistica.

Extranhei que a casa estivesse fraca mas o Guilherme Pereira de Carvalho socegou-me dizendo-me que os bilhetes estavam todos passados a pessoas que pagavam.

A abrir, as coristas de todos os teatros cantaram em côro o «Fado do Bacalhau, regidas pelo Hugo Vidal que era acompanhado por instrumentos de palhete. Depois de um intervalo de duas horas, princiou a «Ceia dos Cardeaes» pelo Carlos Leal, Santos Carvalho e Honorina Cruz que durante a «Ceia» estiveram sempre de acordo.

Outro intervalo de duas horas e começou «As rosas de todo o ano» pela Lucinda Simões e Palmira Torres. Como já era tarde cortaram-se quarenta e seis scenas á peça porque senão era obra para acabar no dia seguinte e depois apareceu o André Brun que fez uma conferencia intitulada «O cognac das tres estrelas» onde em frases rendilhadissimas fez a minha apologia artistica e mais a das minhas colegas Alice Ogando e Ester Leão.

Começou o acto de variedades. A abrir devia entrar o Clemente Pinto que não poz lá os pés, depois a Ilda Stichini que teve a mesma sorte, em seguida o Ribeiro Lopes quem aconteceu o mesmo, a seguir a Laura Costa que sofreu da mesma doença, depois o Chaby que seguiu as mesmas pisadas anteriores e por fim a Hortense Luz, o Almada, o Nascimento Fernandes, a Palmira Bastos, a Maria de Lourdes Cabral, o Joaquim Prata a Albertina de Oliveira, a Emilia Fernandes, o Joaquim de Oliveira, a Luiza Santanela, o Amarante, a Emilia de Oliveira, etc., que seguindo á risca os anteriores, tambem não compareceram.

Como não havia mais ninguem para faltar dei entrada no palco, onde o Barreto da Cruz me felicitou em nome do Protocolo (um sujeito que não conhecia nem de vista).

O Cristovão Aires recitou em francez «A cabra, o carneiro e o cevado», o Mario Duarte, em nome da revista «De Teatro» entregou-me um telegrama do Dicodemi sem dor, o Felix Bermudes recitou versos em posição de fogo deitado, o Esculapio fez um discurso em falsete e por fim atiraram-me com flores e outros objectos de arremeço.

Como eu já estivesse completamente comovida, tomei a palavra e fiz o seguinte e singelo discurso:

Meus amigos

«A vida de teatro é a mais espinhosa das carreiras! Desgraçados d'aqueles que não teem auctores que lhe escrevam papeis de proposito! Infelizes as que não se deixam galantear pelos emprezarios e pelos ensaiadores! Serão sempre, eternamente sempre, canastronas! Na minha vida artistica encontrei sempre uma grande facilidade em ir mal em todos os papeis. Por isso o publico soube apreciar o meu talento, a critica enalteceu as minhas qualidades e as empreza me disputaram!

*(Continúa)*

# GRAFOLOGIA

o caracter revelado pela caligrafia

## RESPOSTAS A CONSULTAS

MONTAGNE — Facil assimilação de tudo (menos dos alimentos...) Orgulho intimo, demasiado nervoso a ponto de se tornar «azedo». Quando está calmo tem juizo claro das coisas, amigo do seu amigo. Generoso, ideias originaes, animo deprimido, talvez por cansaço.

MARIA PIA.—Espirito delicado. Dedica-se facilmente, gosa a vida e aproveita o que ela tem de bom. Religiosa sem exagero, cuidadosa de si e dos outros.

AMEN.—Muita vontade... de ter força de vontade. Amor á dança, aos namoros e ás mulheres. Inteligencia clara mas preguiçosa. Ordem nos objectos e desordem nas outras coisas. Impulsivo, valente, leal, dedicado e muito sensual.

ZÉ POVINHO.—Vontade, energia, inteligente. Poesia sentimental, amor á sciencia e ás artes, tudo misturado... Leal, reservado, trabalhador e ambicioso. Muito sensual.

PAPA SILABAS.—Orgulho de si proprio, ambição, desconfiança. Muita sensualidade querendo-a ocultar. Constante, gosta de flores e de conservar livros e cartas. Tem sempre alguma coisa para perguntar. Nervoso, amavel e economico.

HOLAVRAC.—Mediana força de vontade, alto conceito de si proprio, ordem desordenada. Sensualidade forte bem dominada, bom gosto e afeição á leitura. Idialismo, generosidade e valentia.

X.—Caracter e trato original, força de vontade, ideias independentes, facil assimilação. Bôa memoria, vivacidade, espirito um pouco mordaz, impaciencia nervosa.

RAPOSÃO I.—Orgulho, vaidade, muito bom gosto e sensualidade forte. Trato afavel, habilidade manual, amor aos livros. Animo deprimido, generosidade bem entendida.

ADI AVLIS.—Vulgaridade, bom coração, romanticismo, acanhamento. (Já tantas vezes tenho dito que os versos não se prestam a uma analise capaz!)

URANIO.—Espirito influenciavel, trabalhador, ideias sans e dignas. Habilidade manual, boa saude. Equilibrio moral, ordem, economia. Pouca vaidade e alguma ambição.

UMA INCOMPREENSIVEL.—Espirito sem complicações, bom coração, nunca toma uma resolução prontamente. Paciente, dedicada, gosta da poesia e das côres, pouca vaidade e generosidade bem entendida.

R. LUAR.—Bôa memoria, muitos nervos, energia. Dedicação, trabalho e ordem, economia e sensualidade. Predilecção pelas frases bonitas.

TANSO.—Bôa força de vontade mas está convencido do contrario. Desconfia de todos e de tudo, muito orgulho, sensualidade fortissima. Está sempre disposto a fazer um favor. Lealdade e bom gosto literario.

VIOLETA SINGELA.—Pouca força de vontade, caracter exaltado e de grande emaginação. Nervosa, autoritaria, inteligente mas aproveitando mal.

BAETAS.—Vulgaridade, fraca memoria, tanto pessimista como optimista. Reserva, orgulho e vaidade, energico quando se trata de mandar. Tenaz, «falador de café». Mau ouvido para a musica.

F. J. C.—Espirito vivo e inteligente, trato afavel, excelente memoria, bom gosto. Vaidade, generosidade, ideias independentes. Gosta de proteger, bons nervos e bem dominados.

B. A.—Bom coração, bom gosto no vestir, inteligencia assimilavel. Gosta de tudo quanto é belo, impressiona-se facilmente, nervos delicados. Amor ás creanças. Espera... não sabe o quê... (o Escudo que mandou pela segunda vez, é para os pobres do «Domingo»).

LILAZ TRISTE.—Vulgaridade. Romanticismo, mania de que é desgraçada. Dedicação e muitos nervos, reserva e habilidade manual. Generosa, amavel... uma rapariga como muitas...

UM QUE AMA UMA LUIZA.—Bôa força de vontade, espirito critico, ordem, metodo, habilidade manual. Exaltado e incongruente, serviçal, tem muitos amigos, palavra facil, não é generoso... e perde muito tempo para nada.

MARIMANA.—Energico e trabalhador, inteligente e voluntarioso, bom coração e capaz de uma heroicidade. Amavel... emquanto não se exalta, rapidez de compreensão e percepção.

M. FERNANDES.—Bôa inteligencia mas mal aproveitada, caracter impaciente e mudavel por impresionismo. Generosidade, bôa memoria. Frase viva e espirituosa. Pensa fazer muito mas não realisa coisa alguma. Muito bôa pessoa mas não se sabe dominar.

M. V. S.—Muito orgulho, o que o faz sofrer constantemente. Generosidade moral e material. Impulsivo, inteligencia impaciente, nervos mal dominados, apaixonado e sensual.

O ESQUECIDO.—Originalidade, trato afavel, muitos nervos mas bem dominados. Amor aos livros e ás artes, pouca vaidade. Pouco afortunado, lial.

ALFENIM.—Bôa força de vontade, orgulho, amor ao conforto e á vida faustuosa. Espirito religioso, digno e elevado.

GIBOIA.—Infantilidade, inteligencia curta, nervos fortes, espirito religioso. Torno a repetir que os versos não servem para analise.

C. LIMÃO.—Bôa inteligencia, caracter pessoal, por vezes excentrico. Energico, impulsivo, habituado a mandar e a dirigir. Algo brusco mas bom, ideias largas, ordem mas não nos objectos. Rapidas decisões, alto conceito de si proprio e da dignidade.

LILI.—Orgulho, vaidade e preocupação com o que os outros poderão dizer... Amor ás bonecas, boa memoria, inteligente, aprende tudo quanto quer. Muito sensual, energia, afortunada e voluntariosa.

UM QUE NÃO TEM JUIZO.—Trato afavel, amor á dança, bom gosto, bom coração. Aceio, reserva, lealdade e pouca generosidade. Nervos bem equilibrados, descontente de si proprio.

VIVA EL-REI.—Boa força de vontade, juizo claro e reto das coisas, bôa memoria. Pouca vaidade mas muito orgulho, equilibrio moral e tranquilidade de espirito pelo dever cumprido. Lealdade, bondade e acolheadora. Um belo tipo de qualidades moraes.

D. L.—Boa inteligencia, detalhista, amor aos livros e ás mulheres (todas). Incredulo, materialista, nervoso em excesso. Tenacidade, audacia.

MARIA SPORTONO.—Muitos nervos e mal dominados, generosidade intima que trata de dominar. Ironia, inteligencia impaciente, exaltações espirituaes.

LISALIA (Porto).—Vida simples e ordenada, bom gosto, pensa bem as coisas antes de as fazer, vingativo. Pouca vaidade mas muito orgulho dissimulado. De poucas palavras, desconfia sempre.

CARBOM (Porto).—Caracter expansivo e aberto, muita religião e generosidade. Segue sempre o primeiro impulso e não se arrepende nunca. Ordem, trato afavel, ideias largas e amor á musica.

CONSUELO DEL RIO.—Alto conceito de si propria. Tem grande paixão pela mentira, a tal ponto de a tomar como verdade. Desiquilibrio nervoso, amor á estetica, pouca memoria e pouca sensualidade. Generosidade desordenada; amor ao mundanismo, embora diga o contrario.

MARIO ZITO.—Mande prosa, versos, como já tenho dito tantas vezes, não oferecem uma analise capaz.

MANUELA.—Uma unica linha e em papel pautado! E' insuficiente!

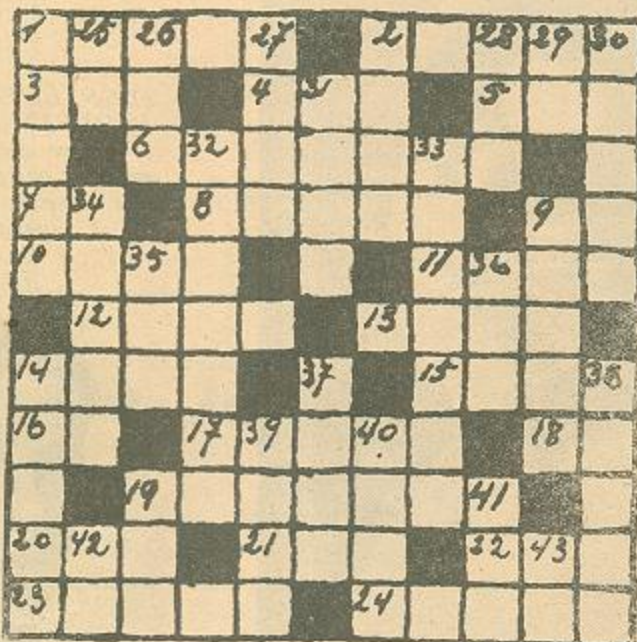
A DAMA ERRANTE

*P. S.—A administração agradece qualquer quantia para os pobres.*

**Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*A DAMA ERRANTE*.**

**RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA**

Relação Explicativa

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—Planta 2—enxutas 3—Parente 4—Nome de mulher 5—Comtudo 6—Maçares 7—Nota de musica 8 Rio portuguez (pl.) 9—Pronome pessoal 10—Nobre 11—Fruto 12—Vila de Portugal 13—Nos frutos 14—Cantai 15—Esmaga 16—Peso romano 17 Arbusto da India 18—Artigo 19—Infeliz 20—Curso d'agua 21—letras da palavra *bater* 22—Cascar 23—Torrar 24—Gôrdo.

VERTICALMENTE

1—Nodada 2—Nome de mulher 9—correia a que vão presos os cães de caça 14—Venerada 19—combinação da preposição com o artigo (pl.) 25—Interjeição 26—Passavas 27—Antilope 28—tira de pano 29—gaz 30—Prudente 31—Ruminante 32—louvas 33—emboscadas 34—Arvores 35—Rio portuguez 36—Pronome pessoal 37—Fonte 38—Corpos celestes 39—Estreitar 40—Animal 41—Poesia 42—Letras da palavara *missa* 43—Carta de jogar.

HORIZONTALMENTE

1—Animo 5—Arado 9—Réstias 10—Irmãs 12—Puzer 14—Gôa 15—Ato 17—Aro 18—Ovos 20—Azes 21—Ia 22—ar 32—Asco 26—Avia 29—Iça 30—Ira 32—Itu 33—Pôças 35—Sarar 37—Animai-a 38—Soros 39—Somos.

VERTICALMENTE

1—Amigo 2—Irmão 3—Meã 4—Ossa 5—Aipo 6—Rau 7—Assaz 8—Oiros 11—Rovisco 12—Eremita 16—Tu 19—Sio 20—Ara 23—Aipos 24—Caçar 25—Ir 27—Viram 28—Auras 30—Isis 31—Asas 34—Ano 36—Aio.

ITU—O mesmo que pau ferro—Dicc. Augusto. Moreno.
SIO—Voz com que se chama alguem—Dicc. J. I. Roquete.

REI ANTAR (Lisboa) — V. Ex.a precisa tomar glycerophosphatos. Porque não experimenta os comprimidos «Nervinol» que representam uma combinação de varios tonicos nervinos estudada pelo Dr. Forte de Lemos?

VILETTE (Lisboa). — Passo a responder ás suas perguntas: 1.a Apesar de não ser formado em nenhuma Academia de Beleza, não me parece que traga consequencias o salicilato de sodio empregado em partes eguaes de agua de colonia e agua quente para fazer desaparecer esses pontos negros do rosto que tanto a horrorisam. Acho entretanto que não deve abusar. Bastará duas vezes ao dia... que me diz?... 2.a Comece quanto antes a tomar «Nucleocalcina». Descance V. Ex.a que não está tuberculosa. Não são somente os tuberculosos que necessitam tomar saes calcios mas tambem todas as pessoas fracas e as convalescentes de qualquer enfermidade.—3.a A «Nucleocalcina» abrir-lhe-há o apetite.—4.a Abandone as suas lavagens de borato de sodio e passe a fazel-as com «Gynol» que é o especifico ideal da toilette» intima das senhoras e, além de tudo, desinfectante poderoso.

AUDAX (Lisboa). — A «Iodalose Golbrun» não ha duvida que é preparado acreditado mas tem os seus inconvenientes. E de resto, que necessidade temos de recorrer ao extrangeiro, quando em Portugal ha melhor?! Garanto-lhe que nada tem a receiar do «Iodonal». Afigura-se-me mais indicado para o caso do seu menino que é lymphatismo caracterisado. Para mais, é reconstituinte e tonico. 2 colheres de chá ás refeições.

JOÃO SABIO (Coimbra).—E' um caso agudo de arthritismo. Mande ao diabo as panacéas que estão a receitar-lhe. Só lhe trarão complicações as «piperazinas», os «chás» e o «urodonal». Nada d'isso. Não abuse mais de carnes, de peixes. Alimente-se em especial, de ovos e leite. Para eliminar o acido urico, tome apenas «Urol». Ficará curado.

IRREQUIETA (Alcochete).—A causa da sua neurastenia, é a perda de phosphatos. Prefira o peixe á carne e coma bastantes legumes e farinaceos, fructos que não sejam acidos. Faça uso continuo da «Nucleocalcina».

M. L. K. X. (Lisboa).—Respondo ás suas perguntas: 1.a Essas insomnias acompanhadas de tosse, devem passar com a «Pasta Peitoral Formosinho». — 2.a Os extractos de carne decompõem-se muitas vezes e podem ser causa de graves infecções: A «Nutricina», que eu conheço até por experiência propria, está livre de qualquer decomposição e é um explendido medicamento-alimento.

REBITES RIB (Lisboa). — Para quê tanta preocupação?... Use pomada de Wilson.

DOENTE PACIFICO (Lisboa).—Está muito em uso os suppositorios «Mercural», para o tratamento da syphilis. Em certos casos, o tratamento por suppositorios é preferivel ás injecções. Se o seu estado não reclama rapido e intensivo, não tenha duvidas em indicar-lhe o «Mercurol» para fazer periodicamente as suas curas.

DR. XISTO SEVERO

*P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.*

# Actualidades gráficas

*MERCEDES D'ALMEIDA, uma das insinuantes interpretes da revista «A cidade onde a gente se aborrece».*

*O SR. LUIZ FERREIRA BAPTISTA («REI-FÉRA»), o insigne charadista que do proximo numero em diante dirige a secção de charadas do nosso jornal.*

*ALICE OGANDO, a graciosa e inteligente actriz que actualmente faz parte do elenco do Eden-Teatro, como seu brilhante elemento.*

*GIOVANNA TERRIBILI-GONZAGA, formosa actriz italiana cuja obra prima «Marco Antonio e Cleopatra» se anuncia em reedição no Cinema Condes.*

*LUIZ DEROUET, o scintilante e inteligente jornalista, que tomou a chefia de redação do «Diario da Tarde».*

*BARBARA LA MARR, a formosissima «Wamp» norte-americana, protagonista do melhor film desta semana «O testamento do capitão Applejack de Fred Niblo.*

# PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$16
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

## Uma agua que faz bem aos pobres e mortifica certos ricos!

Existe no Largo de Andaluz em Lisboa uma velha fonte medieval que ha seculos tem fama de verter agua saudavel e terapeutica. Altas influencias se movem para tirar ao povo esse barato recurso de se medicar com uma agua que não tem que pagar ás empresas das termas medicinais.